

TDAH E O ESTEREÓTIPO FEMININO: O IMPACTO DO MACHISMO ESTRUTURAL NO DIAGNÓSTICO E NA QUALIDADE DE VIDA DE MULHERES COM TDAH NAS UNIVERSIDADES DE PETROLINA – PE

Claudia Regina Coelho Gomes ¹
Isadora Ellen Cordeiro Amaro ²
Nilton Ferreira Bittencourt Junior ³

INTRODUÇÃO

A motivação que norteia essa pesquisa que se encontra em andamento veio da observação, ainda na elaboração do trabalho de conclusão de curso, uma vez que foi possível a percepção da escassez de discussão envolvendo o TDAH em mulheres e suas dificuldades, bem como uma questão levantada por Silva (2003) de que muitas vezes essas mulheres passam despercebidas na infância tardando o seu diagnóstico. Essa questão pode ser considerada uma consequência da prevalência do TDAH com predominância na desatenção – TDAH-D acerca do seu quadro sintomático que conta com a ausência da hiperatividade física o que faz a menina ser mais quieta e a sociedade, possivelmente pela imposição de um estereótipo feminino, considerar normal.

A investigação desse problema se faz importante diante da escassez de pesquisas acerca do tema, considerando o TDAH um problema crescente na sociedade e na educação bem como as consequências trazidas pelo machismo estrutural. A relevância, pois, se dá diante um cenário em que existe pouca discussão e compreensão do TDAH em mulheres e sua relação com o machismo estrutural, sendo estes, dois assuntos que podem estar estreitamente ligados e possivelmente impactando ainda mais o dia-a-dia de quem sofre com esse transtorno. A presente pesquisa busca desmistificar o estereótipo feminino bem como compreender as dificuldades que o TDAH traz as mulheres diante implicações mantidas em uma sociedade que ainda é estruturalmente machista.

Historicamente as mulheres foram colocadas em uma posição inferior aos homens sendo elas abastadas ou pobres, na qual o seu papel foi resumido na procriação e nos

¹Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí - UFPI, Pós Graduada do Curso de Psicopedagogia, Clínica, Hospitalar e Institucional da Faculdade Maurício de Nassau - UNINASSAU, reginnalsclaudia@gmail.com;

²Graduada em Psicologia pela Faculdade Maurício de Nassau – UNINASSAU, isadoraellen18@gmail.com;

³ Professor orientador: Doutor em Educação, Universidade Federal do Piauí – UFPI, niltonbittencourt@ufpi.edu.br;

cuidados com o lar. Apesar das conquistas advindas de revoluções feministas a respeito da atual forma como as mulheres exercem sua cidadania e os lugares conquistados por elas na sociedade, o machismo ainda permanece presente, uma vez que se trata de uma construção social erguida e enraizada pelos ideais do patriarcado, afetando diretamente a vida das mulheres em vários aspectos, como na aprendizagem, na saúde, nos ambientes profissionais, no lar, nas suas relações sociais dentre tantos outros causando assim problemas na sua qualidade de vida.

Estudos comprovam que o maior índice de transtornos de ansiedade está presente entre as mulheres, o que pode vir como uma resposta a rotina sobrecarregada que a maioria das mulheres lidam diariamente. A realização de multitarefas como os cuidados com a casa, com o marido, com os filhos e a tentativa de conciliar sua vida profissional e social são fatores a serem considerados a respeito da causa desse alto índice.

Além da sobrecarga existe a cobrança da própria sociedade à forma como as mulheres lidam com suas vidas. Os estereótipos impostos as mulheres estão presentes desde a época colonial do Brasil, mas para identificar seus rastros não precisamos ir tão longe, Falci (2004, p. 202) nos traz o cenário da mulher do sertão do nordeste no século XIX e afirma “a elas certos comportamentos, posturas, atitudes e até pensamentos foram impostos, mas também viveram o seu tempo e o carregaram dentro delas”.

A respeito do papel da mulher e as atividades realizadas por elas no sertão nordestino do século XIX Falci (2004) destaca ainda que as mulheres ricas resumiam suas atividades ao lar já as de classes subalternas faziam várias atividades para manterem seu sustento e garantir a educação de seus inúmeros filhos. Apesar das mulheres subalternas fugirem dos estereótipos de “rainhas do lar”, uma vez que no decorrer da história, sempre tiveram que trabalhar fora de casa, todo e qualquer papel que elas se dispunham a tomar para si, sendo por necessidade ou escolha própria, que fugiam desses estereótipos não eram valorizados e muito menos bem vistos.

Atualmente, mesmo após algumas evoluções acerca do pensamento voltado para o lugar da mulher, é possível notar que ainda existe uma forte tendência que destina os trabalhos que podem ser exercidos por elas. Geralmente são trabalhos que envolvem funções de cuidado, organização e delicadeza e quando as mesmas escolhem profissões que desobedecem a esse estereótipo possivelmente serão vítimas de julgamentos por parte da sociedade ou até mesmo estarem propícias a sofrer consequências por ser um ambiente que é “socialmente masculino” como assédios e desvalorização. A ideologia do

patriarcado dominou por muito tempo e ainda nos dias atuais as mulheres sofrem as consequências desta. Ao falar sobre o patriarcado Tiburi (2019) destaca:

Em sua base está a ideia sempre repetida de haver uma identidade natural, dois sexos considerados normais, a diferença entre os gêneros, a superioridade masculina, a inferioridade das mulheres e outros pensamentos que soam bem limitados, mas que ainda são seguidos por muita gente (Tiburi, Marcia, 2019, p. 27)

Além dessa ideologia ignorar a amplitude de questões acerca de gênero, postula uma naturalidade de identidade que determina a superioridade do gênero masculino sobre o feminino o que desencadeia em uma desvalorização tanto das mulheres cis como de outros grupos considerados minorias como a comunidade LGBTQIAP+.

O ideal de mulher imposto pela sociedade patriarcal pode acarretar em diversos problemas sociais e acadêmicos uma vez que ser mulher nessa sociedade requer lidar com uma gama de expectativas que muitas vezes serão quebradas pelo fato de que, além de estarmos tratando de seres humanos, que erram e são mutáveis, também cabe considerar outros fatores que podem vir a calhar uma desobediência desses estereótipos como é o caso dos transtornos, nessa pesquisa em específico, o Transtorno Déficit de Atenção/Hiperatividade – TDAH.

A respeito do Transtorno Déficit de Atenção/Hiperatividade – TDAH para a problemática da pesquisa é de suma importância destacar que se trata de um transtorno do neurodesenvolvimento que tem como característica dificuldades de atenção, organização, sintomas de hiperatividade, impulsividade e conseqüentemente dificuldades na aprendizagem. Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-V (2014) o TDAH é subdividido em três tipos: com predominância na desatenção – TDAH-D; com predominância da hiperatividade – TDAH-H; e o combinado TDAH-C. O TDAH do tipo combinado é o mais comum registrado nos índices de diagnósticos e é também mais comum entre meninos e o TDAH tipo desatento está como o segundo nos índices. Dentre as mulheres diagnosticadas com TDAH estudos comprovam que o tipo desatento prevalece (DSM-V, 2014).

Apesar de serem poucas as discussões publicadas especificamente acerca de TDAH e das questões de gênero envolvendo o estereótipo feminino na sociedade é possível notar uma estreita relação entre esses temas quando o assunto se volta para o diagnóstico de mulheres tanto no âmbito estatístico quanto em questões mais complexas do dia a dia incluindo as relações sociais, de aprendizagem, desenvolvimento e até mesmo tarefas simples.

O TDAH como um transtorno que afeta diretamente a vida das pessoas traz consigo uma gama de situações em que, as mulheres em específico, além de sofrerem com os sintomas deste, podem sofrer também com o julgamento de uma sociedade que acredita que é normal a menininha na sala de aula estar muito quieta porque “menina é mais quieta mesmo” e tardar um diagnóstico que poderia ter sido feito ainda na infância, ou que a mulher já adulta não diagnosticada deve dar conta de fazer multitarefas ao mesmo tempo e fazer bem feito, que ela precisa ser delicada e nunca impulsiva (Silva, 2003).

A hipótese dessa pesquisa se volta para a preposição de que o estereótipo feminino enraizado pelo machismo estrutural, em que se ergueu a sociedade, tanto pode ser um causador do diagnóstico tardio de mulheres com TDAH como também pode ser um causador de julgamentos no entorno da vida que mulheres com TDAH, já adultas, levam no tocante às dificuldades desse transtorno que afeta tarefas acadêmicas, domésticas, profissionais e as relações interpessoais, podendo assim influenciar na auto estima, na qualidade de vida e até mesmo na presença de comorbidades com outros transtornos.

Essa pesquisa em andamento está sendo descritiva onde há a exploração do Estado da Arte sobre o tema, para numa segunda etapa realizar entrevistas que podem confirmar ou refutar aos resultados bibliográficos encontrados.

Desse modo a pesquisa visa de modo geral analisar as consequências psíquicas e sociais, advindos do impacto do machismo estrutural, que podem agravar a qualidade de vida e o quadro de mulheres com TDAH. Para alcance desse objetivo fará necessário identificar mulheres com TDAH no semiárido de Petrolina; buscar relatos de vivências sobre possíveis empecilhos trazidos pelo machismo estrutural na vida de mulheres antes e após o diagnóstico do TDAH; promover um diálogo acerca das dificuldades do TDAH em mulheres; e por fim utilizar recursos midiáticos na construção de um documentário no que diz respeito a desmistificação do estereótipo feminino e do TDAH.

No decorrer dessa pesquisa, ainda somente com dados bibliográficos foi possível notar uma coerência dos estudos já realizados acerca das questões levantadas. Todavia, compreendemos que para o estudo ficar completo é de suma importância dar voz a essas mulheres que possivelmente lidam todos os dias com esses estereótipos somados com as dificuldades do TDAH.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Os dados concretos dessa pesquisa de natureza descritiva serão alcançados através do contato direto do pesquisador com as participantes da pesquisa que se tratam de mulheres universitárias do semiárido de Petrolina com diagnóstico ou suspeita de TDAH.

A pesquisa segue um roteiro onde até o momento foi feita a revisão de literatura através da análise bibliográfica de diferentes estudos sobre o tema, em um segundo momento será realizado um levantamento de dados acerca da quantidade de mulheres TDAH ou com suspeita de TDAH nas universidades de Petrolina através de questionário que será distribuído nas turmas ou compartilhado através de formulário online; bem como a elaboração do roteiro de entrevista; aplicação de entrevista semiestruturada; gravação da entrevista; transcrição das entrevistas realizadas e análises dos dados obtidos. Através da análise buscará, de maneira clara, descrever o ponto de vista e as vivências das universitárias entrevistadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-V há um tópico intitulado “questões diagnósticas relativas ao gênero” no qual traz um índice importante para a discussão do TDAH em mulheres onde afirma uma maior probabilidade de mulheres apresentarem primeiramente características da desatenção quando comparadas aos homens em que o TDAH é mais frequente no âmbito geral (DSM-V 2014 p. 107).

É importante frisar que esse índice pode ter forte influência das inúmeras mulheres que passam despercebidas devido sua predominância no TDAH de tipo desatento, uma vez que a hiperatividade e a impulsividade como fatores menos tolerados socialmente, não são manifestadas nesse subtipo. Freire e Pondé (2005) afirmam essa observação quando apontam que o TDAH desatento é o subtipo mais frequente, porém menos diagnosticado pelos sintomas serem mais aceitos pela sociedade.

Como a sociedade está erguida em uma estrutura familiar e social voltada para o patriarcado, o machismo e a ideia do estereótipo feminino são fatores que podem contribuir para os índices menores de mulheres diagnosticadas com TDAH devido a predominância da desatenção, uma vez que a mulher, quando criança, com essa predominância é mais quieta e a sociedade considera isso “normal do sexo feminino” o que pode desencadear em um diagnóstico tardio trazendo sérias dificuldades no seu desenvolvimento afetando o dia a dia e sua qualidade de vida.

Considerando os sintomas do TDAH que envolvem principalmente dificuldades de organização e atenção, possivelmente, na fase adulta, a mulher com TDAH-D sofrerá com sintomas, e sofrerá ainda mais com o julgamento, pois, foge do ideal de mulher posto pela sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo o TDAH um transtorno que acarreta em dificuldades principalmente de organização e atenção pode acarretar em uma “desobediência de gênero” no olhar da sociedade que historicamente impôs e ainda impõe um ideal de mulher reatada, delicada e organizada.

Essa pesquisa ainda encontra-se em andamento onde no momento está na fase de revisão bibliográfica, no entanto até aqui através das discussões acerca do tema compreendemos uma estreita relação das questões levantadas, uma vez que os estudos já realizados apontam para uma possível comprovação das hipóteses. No entanto compreendemos a importância de dar seguimento as demais fases da pesquisa, de modo que para este estudo ficar completo se faz necessário dar voz as mulheres que possivelmente sofrem com esses estereótipos somado aos sintomas do TDAH.

Palavras-chave: Diagnóstico; Estereotipo; Gênero; Mulheres; TDAH.

REFERÊNCIAS

FALCI, Miridan. Mulheres do Sertão Nordeste. In: PRIORI, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 202-231.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

SILVA, Ana. **Mentes Inquietas: entendendo melhor o mundo das pessoas distraídas, impulsivas e hiperativas**. São Paulo: Editora Gente, 2003.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.